



A TENTATIVA DE UMA “HISTÓRIA DIFERENTE DOS ASTECAS” POR CAMILA TOWNSEND

THE ATTEMPT AT A “DIFFERENT HISTORY OF THE AZTECS” BY CAMILA TOWNSEND

Andressa Alves da Silva*

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

 <https://orcid.org/0009-0002-3539-8082>

andressalves12@gmail.com

Clara Pereira Garcia**

Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

 <https://orcid.org/0009-0003-5041-0171>

claragarciaacpg@gmail.com

O livro *El quinto sol. Una historia diferente de los aztecas* é a versão em espanhol, publicada pela editora Grano de Sal em 2021, traduzido do original em inglês *The fifth sun: A new history of the aztecs* de 2019, escrito pela historiadora estadunidense e docente da Rutgers University, Camila Townsend. A obra em questão visa, principalmente, discutir a história dos astecas em seus próprios termos, mostrando que a trajetória desses povos não começou — e nem acabou — com a chegada dos espanhóis em 1519 no território que hoje conhecemos como México. O título é uma referência ao “quinto sol”, crença asteca de que eles estavam vivendo no quinto mundo, criado pelos deuses.

* Graduada e mestranda em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

** Doutoranda em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente pesquisa as representações do Novo Mundo nas gravuras de Theodore de Bry. Mestra em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPHR/UFRRJ) e bolsista FAPERJ Mestrado Nota 10 (2024-2025). Graduada em História (2023) pela UFRRJ

A obra, como o nome já sugere, busca apresentar uma nova perspectiva para a construção da história asteca, que foi, ao longo de muitos anos, pensada, repensada, questionada e revisada. Perceptivelmente, Townsend organiza sua obra e associa suas interpretações à “nova história da conquista”¹. Desde os anos 1990, esta corrente historiográfica vem trazendo contribuições para as discussões em torno da “Conquista do México”, com o intuito de pôr em evidência personagens invisibilizados, reanalisar fontes históricas já muito estudadas ou mesmo utilizar-se da etno-história (RESTALL, 2012).

Logo na introdução do livro, a autora deixa claro que há diferença quando cita os termos “asteca”², “mexica” e “*nahuas*”. Ao se referir às etnias dos povos do Vale do México, Townsend considera importante utilizar as terminologias próprias do contexto. Nesse sentido, ela utiliza os nomes pelos quais eles se autodenominavam, tais como mexicas, texcocanos, tepanecas, etc. — nomenclaturas ligadas ao *altepetl*³ que cada grupo habitava. Por último, a autora classifica como *nahuas* os povos do centro do México que compartilhavam da mesma língua (o *nahuatl*) e cultura naquele período.

Diante disso, para a construção da pesquisa, a autora baseia-se em um número considerável de fontes, tais como documentos pictográficos, cantos, poemas, cartas e crônicas. Em meio a essas fontes, há aquelas consideradas por ela como *nahuas*⁴ e as espanholas. Debruçando-se sobre esses documentos, Townsend traz uma grande contribuição: ela não visa separar o “mítico” do “real” (considerada a história estrita), como muitos já fizeram ao escrever sobre a história dos povos indígenas. A historiadora valoriza os relatos e se esforça ao máximo para compreender — mas, acima de tudo, respeitar — a cosmovisão indígena, tentando não apresentar julgamentos eurocêntricos do que seria ou não história e historicidade para esses povos — ou mesmo se isso existiu para eles em tempos anteriores a 1519.

Em relação à abordagem da autora com as fontes *nahuas*, outro ponto positivo de seu livro encontra-se no apêndice, onde a historiadora insere uma “bibliografia comentada” das fontes históricas e de alguns autores mencionados ao longo do livro. Ao

¹ Como exemplos de autores que seguem tal corrente historiográfica, podemos citar o pesquisador inglês Matthew Restall e o brasileiro Eduardo Natalino dos Santos.

² Em relação à terminologia “astecas”, Townsend esclarece que “*el término azteca se usa para referirse al pueblo que dominó la región desde su altépetl, la ciudad-Estado de Tenochtitlan, así como a todos aquellos que vivían en la cuenca central y estaban estrechamente aliados con ellos.*” (TOWNSEND, 2021, p. 15).

³ Palavra em *nahuatl* que tinha um conceito parecido com cidade.

⁴ Segundo a autora, trata-se aqui de fontes produzidas por falantes da língua *nahuatl*, seja no período anterior à chegada dos espanhóis ou após. Desta forma, a autora considera fontes *nahuas* mesmo aquelas escritas pelos descendentes de nobres indígenas, produzidas já no século XVII.

todo, Townsend traz breves informações sobre 17 fontes e 6 autores. Essa atitude não só expande os horizontes acadêmicos dos pesquisadores da área, mas demonstra o caráter didático da obra e fomenta o interesse dos leitores pelo tema.

Para fazer esse estudo mais geral sobre a sociedade asteca, a autora tem como recorte temporal uma análise que vai desde o século XIII — embora haja referências a tempos anteriores para discutir sobre a imigração de povos para a América —, quando os astecas estavam se assentando no Vale do México, até o XVII, momento em que esses grupos já viviam sob o poder da Coroa Espanhola. Nota-se o desafio da autora ao explorar tantos séculos e temas variados, embora se detenha mais na história política e na organização social. Para essa discussão tão longa e complexa, Townsend estrutura os capítulos do livro de forma cronológica, embora sua narrativa não seja linear — talvez, como tentativa de espelhar as fontes nativas, que não seguem a mesma ordem do discurso dos sujeitos ocidentais.

Logo nas primeiras páginas, a autora ressalta que a história dos astecas não está subordinada à chegada dos europeus. Tal apontamento mostra-se necessário para pensar a autonomia desses habitantes dentro de sua própria organização, a fim de não limitar suas vivências a uma espécie de “antes” e “depois” dos europeus. A historiadora se opõe a uma abordagem retrospectiva, comumente empregada por autores mais tradicionais que, em sua maioria, consideram os eventos ocorridos antes da chegada dos europeus como uma preparação para o que viria depois. Ao contrário, ela se dispõe a uma análise que permite pensar a história dos astecas a partir de suas próprias percepções e cosmovisões, considerando sua autonomia e agência no tempo e espaço.

Nesse sentido, Townsend destaca algumas contribuições fundamentais dos *nahuas*, como a criação dos “*anales históricos*” e a relevância na produção do milho, cujas práticas das diversas civilizações da região foram fundamentais para o aprimoramento das técnicas de plantio e cultivo do cereal. No entanto, segundo a autora, a agência desses povos não se limita a esses fatores. Para ela, a organização social e as mudanças sociais causadas pelas composições familiares mostram que os *nahuas* eram múltiplos e tão complexos quanto outras civilizações.

A ênfase na pluralidade fica visível através da descrição das relações entre diferentes grupos mesoamericanos antes da chegada dos espanhóis, dentre os quais o sistema matrimonial, familiar e sucessório, que chama a atenção e tem um grande destaque no texto de Townsend. Segundo a autora, os casamentos entre os *pilli* (nobres) tinha um caráter político muito importante: a escolha sucessória ao cargo de *tlatoani*

considerava aptos somente os filhos de mães legítimas, ou seja, das mulheres nobres – embora em alguns contextos de crise isso tenha sido ignorado. Nesse sentido, essas mulheres eram membros importantes das famílias, interferindo, através de sua prole, no futuro político dos *altepeme*. Diante disso, os *tlatoque* mais poderosos casavam suas filhas com outros governantes subordinados para manter ou expandir relações de domínios políticos em diferentes locais e dinastias.

Townsend também destaca a organização social asteca sob a Tríplice Aliança, entre os anos de 1428 até 1521, com a tomada de Tenochtitlan – que contou com a participação de indígenas de diferentes *altepeme*⁵ – e a reorganização política desses povos após a colonização. Durante os anos da Tríplice Aliança, os mexicas ampliaram seus domínios territoriais, cobrando mais impostos e fazendo mais guerras. Com isso, fomentando também a insatisfação de diferentes povos. Quando os espanhóis chegaram na região, já havia um grande descontentamento com a política de Montezuma e não demorou para muitos ameríndios unirem um grande contingente de homens contra Tenochtitlan ao lado dos estrangeiros de além-mar.

Já no período pós-conquista, ela mostra que, com a consolidação do poderio espanhol, os nativos enfrentaram, além dos trabalhos forçados, as epidemias ao longo dos séculos XVI e XVII, que diminuíram consideravelmente o número de indígenas da região. Embora ainda existissem nesse período indígenas em posições de autoridade, essas lideranças já não agiam como os antigos *tlatoque*⁶ e tiveram que adaptar seus estilos de vida. Desta forma, uma das maiores demonstrações de resistência e perseverança dessas populações foi a produção de textos em *nahuatl*, espanhol e até em latim sobre suas histórias: “*obras que, desafiantes, contrariamente a todas las expectativas, seguirían como parte del mundo del quinto sol tanto tiempo como éste alcanzara a durar.*” (TOWNSEND, 2021, p. 271). Para isso, os nativos aprenderam a manipular a escrita alfabética, ao passo que recorriam aos anciãos e às fontes pictográficas que sobreviveram à chegada dos espanhóis.

Apesar de utilizar um amplo recorte geográfico e temporal, é perceptível que a autora adota uma perspectiva “mexicacêntrica”, já que concentra sua análise em Tenochtitlan. A capital do que viria a ficar comumente conhecido como “Império

⁵ Plural de *altepetl*.

⁶ Plural de *tlatoani*. A palavra de origem nahuatl se refere ao mais alto título político e militar nos *altepeme* astecas do período pré-hispânico. Os *tlatoque* eram os líderes políticos dos territórios e tinham linhagens nobres.

Asteca” era um *altepetl* habitado pelos indígenas que se autodenominavam mexicas, e se tornou a cidade politicamente mais poderosa do território central mesoamericano, além de ser a capital da Tríplice Aliança, formada por Texcoco e Tlacopan. Apesar dos mexicas estarem no centro da análise da historiadora, os participantes da Tríplice Aliança Asteca e a antiga Azcapotzalco – cidade que dominava o Vale do México antes dos mexicas –, também são abordados, principalmente em relação às sucessões dinásticas e intrigas políticas. É importante notar que esta “centralidade asteca” não se limita a este livro, estando presente em muitas produções que concentram as atenções em torno de Tenochtitlan, enquanto as cidades restantes ficam em segundo plano.

Vale destacar que, embora a autora busque visibilizar povos e histórias silenciadas pela historiografia tradicional, observa-se o uso de expressões com características eurocêntricas. Townsend faz o uso de conceitos característicos da construção da história ocidental para referir-se ao desenvolvimento social das sociedades americanas, como “clássico”⁷ e “pós-clássico”, assemelhando-as à Grécia e Roma. Outro exemplo que aponta esta problemática refere-se ao uso da terminologia “cidade-Estado” para referir-se a grupos *nahuas*. Além disso, a historiadora chama de “trunvirato” a associação dos *tlatoque* de Tenochtitlan, Texcoco e Tlacopan, e de uma “*especie de democracia*” a experiência nas decisões entre esses povos (TOWNSEND, 2021, p. 78)⁸. O domínio dos *tlatoque* se assemelhou, segundo a autora, às exigências do domínio romano. Ao citar as construções públicas e o pagamento de tributos, a autora pontua, no entanto, que tal atitude não se pode comparar a Roma, já que, diferentemente da civilização ocidental, a asteca não tinha o interesse de aculturação.

A análise comparativa não se limita a fatores sociais, mas amplia-se para questões religiosas, como a diversidade de deuses do panteão. Embora outros exemplos pudessem ser dados, a autora segue a dualidade de contrapor a experiência americana à ocidental ao comparar os *nahuas* com os gregos. Os paralelos com outras civilizações são empregados em vários momentos da obra, demonstrando uma tentativa da autora de traduzir um mundo tão complexo para a sociedade ocidental contemporânea.

⁷ O período clássico é simbolizado no livro como um período de apogeu civilizacional, tal como a representação tida do desenvolvimento grego no século V a.C.

⁸ A fim de respeitar as dinâmicas e variações linguísticas, as palavras elencadas também foram pesquisadas no texto original em inglês. Tais palavras aparecem contextualmente conforme a tradução espanhol, respectivamente “*classic*”, “*postclassic*”, “*city-state*”, “*triumvirate*” e “*A sort of democracy*” (TOWNSEND, 2019, p. 47).

Ao longo da narrativa sobre a trajetória da formação dos mexicas, a autora aponta que a mudança da condição de caçadores e coletores para o assentamento agrícola foi fundamental no desenvolvimento destas sociedades. Porém, compara o processo de sedentarização dos *nahuas* e dos europeus, pontuando que os *nahuas* só obtiveram tal êxito cinco milênios depois da agricultura já ser preponderante no que ela chama de “*Viejo Mundo*” (TOWNSEND, 2021, p. 42-43). E é justamente nesse ponto onde a autora parece deixar de lado o motivo pelo qual escolheu o título de seu livro como “*una historia diferente de los aztecas*”. Ela argumenta que esses povos

No tenían manera de explicar la discrepancia entre su poder y el de sus enemigos; no tenían manera de saber que los europeos eran herederos de una tradición de vida sedentaria de 10 mil años de antigüedad y que ellos mismos eran herederos de apenas 3 mil años de ese tipo de vida. Sorprendentemente, a pesar de todo, parecen haber mantenido un sentido práctico de la situación: sabían lo que era necesario explicar; **no asumieron que sus enemigos tenían mayor mérito o una inteligencia superior que ellos; antes bien, en las descripciones que dejaron, se concentraron en dos aspectos: el uso que hacían los españoles del metal y su extraordinario sistema de comunicación.** Los ancianos que hablaban de sus experiencias usaron la palabra tepoztli (“metal, hierro”) más que ninguna otra al hacer referencia a los españoles [...] Los guerreros habían visto los bergantines, pero no las brújulas, el equipo de navegación, los mapas técnicos ni las imprentas que hicieron posible la conquista. (TOWNSEND, 2021, p. 178, grifo nosso)



Antes deste trecho, Townsend expõe que um dos objetivos de seu livro é inserir no debate sobre a conquista a visão dos indígenas sobre o evento, já que, segundo ela, nas fontes nativas há descrições que demonstram a noção deles diante do desequilíbrio tecnológico em relação os espanhóis (TOWNSEND, 2021, p. 28). No entanto, a autora toma como base para tal interpretação o *Códice Florentino*, documento escrito em espanhol e *nahuatl* décadas após a conquista pelo franciscano Bernardino de Sahagún. O franciscano é considerado um dos mais expoentes missionários que viveu na América, promovendo a evangelização de ameríndios. Para a efetiva cristianização dessas mentes e corpos, muitos católicos tinham como método missionário conviver com e descrever a cultura dos nativos em crônicas, para que assim compreendessem as formas que a idolatria manifestava-se nessas sociedades, podendo então ser combatida. É justamente neste contexto que o *Códice* foi produzido. Logo, embora seja válido a autora considerar os discursos indígenas, é necessário questionar tal fonte, que, apesar de ter passagens em *nahuatl* e contar com a contribuição de estudantes e anciãos indígenas, foi supervisionada por um católico com intenções colonizadoras.

Dessa forma, ao examinar o texto sem o contextualizar, a autora acaba reproduzindo debates já ultrapassados, pois, obviamente, já se sabe as diferenças sobre as tecnologias de guerra entre os dois povos naquele período. Além disso, Townsend se insere em um debate ainda mais delicado: a suposta superioridade intelectual e comunicativa dos espanhóis em relação aos ameríndios. Esse mesmo argumento foi defendido pelo semiólogo Tzvetan Todorov (2003) no início da década de 1980, período em que os estudos sobre a conquista do México costumavam contribuir para uma visão dualista entre indígenas e espanhóis, os vencidos e os vencedores. Nesse ínterim, Todorov afirmou que a astúcia de Cortez permitiu a conquista dos astecas. Sendo assim, a historiadora, embora cruze diferentes fontes de relatos indígenas, em alguns momentos acaba desviando de seu próprio propósito em inovar acerca da abordagem historiográfica sobre os astecas.

Diante do exposto, acreditamos que a obra contribui para discussões muito importantes sobre a história dos astecas no que tange às relações matrimoniais e dinásticas e a relevância destas para o âmbito político e social. Além disso, a autora, em todos os capítulos, inicia e estende os debates englobando diferentes atores sociais, fazendo com que personagens históricos indígenas sejam conhecidos e discutidos, não os invisibilizando. No entanto, há de se ler a obra com a devida criticidade histórica e historiográfica, já que não se encontrará “uma história diferente dos astecas”⁹ como se apresenta. Ainda que não seja pioneira em utilizar fontes indígenas para uma pesquisa histórica, todavia, evidentemente seu esforço em compilar tantas fontes históricas nativas para a construção de uma história asteca é admirável. Por fim, vale destacar o valor da obra ao abarcar tantos séculos sobre um tema tão complexo e, mesmo assim, possuir uma escrita acessível para diferentes públicos, diferenciando-se dos textos estritamente academicistas, como os artigos de periódicos ou as teses.

⁹ Considera-se importante pontuar que o título em espanhol apresenta uma diferença sutil em relação ao seu significado original. Em inglês, o livro apresenta o termo “*new history*”, enquanto na língua hispânica “*una historia diferente*”. Tais diferenças sugerem perspectivas semelhantes, mas não idênticas. Ao propor algo novo, o autor pretende criar algo inédito. Ao adjetivar a palavra “*history*” com o adjetivo “*new*” a autora pressupõe que está construindo algo ainda não explorado, ou seja, uma história que não existia antes. Segundo o Oxford English Dictionary, “*new*” caracteriza, quanto adjetivo, algo que ganhou existência pela primeira vez. Por outro lado, uma “*historia diferente*” caracteriza-se por algo que se difere dentre outras opções. Ambas as traduções tentam expressar, embora semanticamente diferente, algo que denota novidade. No entanto, observou-se ao longo da análise da obra, que a autora não apresenta uma perspectiva nova ou diferente, pois sua metodologia de analisar diferentes fontes indígenas foi aplicada por alguns outros estudiosos, tais como nas obras de Jerome Offner (1983), Carlos Santamarina Novillo (2005), Eduardo Natalino dos Santos e na coletânea de textos organizados por Galen Brokaw e Bradley Benton (2014).

REFERÊNCIAS

- LEE, Jongsoo; BROKAW, Galen. (Eds). **Texcoco: Prehispanic and colonial perspectives**. Boulder, Colorado: University Press of Colorado, 2014.
- NOVILLO, Carlos Santamarina. **El sistema de dominación azteca: el império tepaneca**. 2005. 643 f. Tese (Doutorado) - Facultad de Geografía e Historia, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2005.
- OFFNER, Jerome. A. **Law and politics in Aztec Texcoco**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- RESTALL, Matthew. The New Conquest History. **History Compass**, [s.l.], v. 10, n. 2, p. 151-160, fev. 2012.
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Tempo, espaço e passado na mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas**. São Paulo: Alameda, 2009.
- TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- TOWNSEND, Camila. **Fifth Sun: A New History of the Aztecs**. Oxford: Oxford University Press, 2019.
- TOWNSEND, Camila. **El quinto sol**. Una historia diferente de los aztecas. México: Grano de Sal, 2021. *Ebook*. Disponível em: https://www.amazon.com.br/El-quinto-sol-historia-diferente-ebook/dp/B09DGR52HJ/ref=tmm_kin_swatch_0?_encoding=UTF8&qid=&sr=. Acesso em: 01 de mar. de 2024.

Recebido em: 09/03/2024
Parecer dado em: 07/05/2024